



O SÃO PAULO

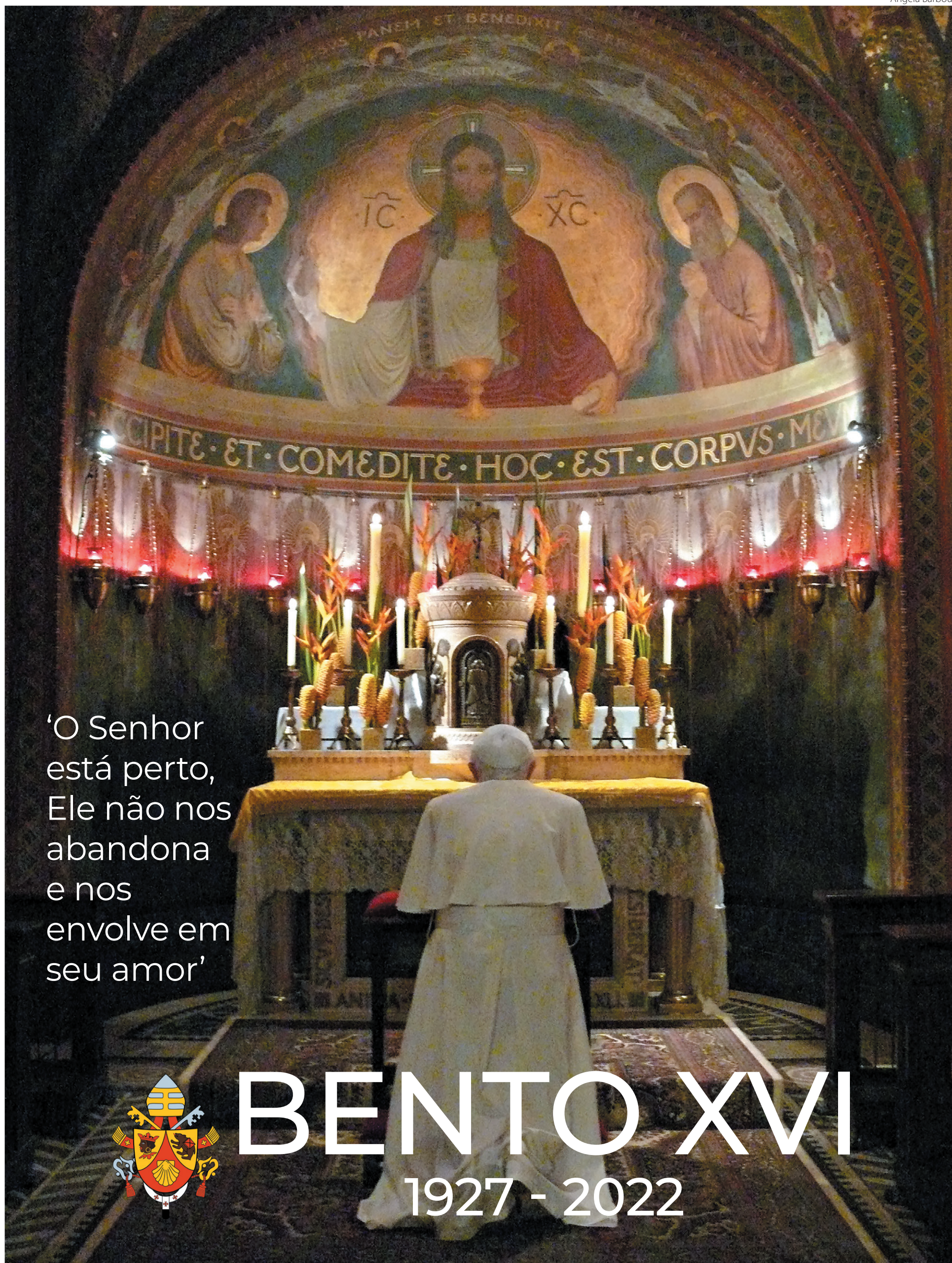


www.arquisp.org.br

SEMANÁRIO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
Ano 67 | Edição Especial - Papa Bento XVI | 31 de dezembro de 2022

www.osaopaulo.org.br | R\$ 3,00

Ângela Barbour



'O Senhor
está perto,
Ele não nos
abandona
e nos
envolve em
seu amor'



BENTO XVI
1927 - 2022



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Os legados de Bento XVI para a Igreja e a sociedade

Bento XVI manifestou-se sobre todos os assuntos e fatos relevantes ao longo de seu pontificado. Sua contribuição para a cultura, a filosofia, a busca da verdade e do bem é extraordinária; como teólogo e humanista, tem largos horizontes e teve sua palavra geralmente acolhida com respeito e consideração; estimulou o mundo a pensar e a ir além das superficialidades de uma cultura consumista e imediatista. Sua encíclica social – *Caritas in Veritate* – é uma contribuição importante para o discernimento sério sobre as questões que atualmente afligem a humanidade. Estimulou muito, também, o diálogo entre as religiões e as culturas. Teve sempre a preocupação da justiça, da paz e da solidariedade entre os povos.

Em fevereiro de 2013, diante de um grupo de cardeais reunidos em Consistório Ordinário para as Causas dos Santos, ele surpreendeu a Igreja e o mundo com o anúncio de sua renúncia. Com este gesto, Bento XVI nos deu um grande exemplo de humildade e coragem e, ao mesmo tempo, de fé e generosidade, ao colocar em evidência que o bem e

a missão da Igreja devem ocupar o primeiro lugar nas preocupações de todos aqueles que são chamados e constituídos no serviço do Rebanho do Senhor. Também indicou qual é a verdadeira natureza do ministério do Papa, dos bispos e de todos os sacerdotes: somos todos servidores do Povo de Deus em nome de Jesus Cristo e por encargo seu. É Ele o verdadeiro e único Senhor e Pastor da Igreja, que cuida dela e quer o seu bem mais do que ninguém outro!

Pessoalmente, cultivei pelo Papa Bento XVI um sincero sentimento de admiração e de gratidão pelo bem que fez à Igreja nos quase oito anos de pontificado, mesmo em meio a tantos sofrimentos e até incompreensões. Também sou muito grato por ter me chamado a integrar o Colégio Cardinalício e a colaborar em diversos organismos da Santa Sé.

E todos nós, brasileiros, seremos sempre agradecidos ao Papa Bento XVI pela visita que nos fez em 2007, especialmente aqui em São Paulo, para a canonização de Santo Antonio de Sant'Anna Galvão e, em Aparecida, para a abertura da 5ª Conferência

Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho. Também gratos por ele ter escolhido o Rio de Janeiro para sediar a Jornada Mundial da Juventude de 2013.

No encontro em que se despediu do Colégio Cardinalício, em 28 de fevereiro de 2013, no Vaticano, Bento XVI enfatizou que a Igreja não é simplesmente um projeto humano, feito e montado num escritório, para ser levado à aplicação prática: ela é uma realidade viva; é obra do Espírito Santo, que a renova, faz florescer e produzir frutos. Bento XVI orientou a todos na Igreja para que permanentemente se abrissem à ação do Espírito.

Depois de sua renúncia, Bento XVI viveu com discrição e humildade no interior do Vaticano, rezando e oferecendo sua vida pela Igreja, sempre em união estreita com seu sucessor, o Papa Francisco, que lhe dedicou visível e enorme carinho. Que Deus acolha agora esse “humilde servo na vinha do Senhor” e o recompense por todo bem que fez. Que Bento XVI descanse de suas fadigas e sofrimentos e viva em paz na casa do Pai, na luz eterna.

Um homem sereno, simples, inteligente, atento ao interlocutor, interessado em ouvir, extremamente gentil e fino no trato com as pessoas. Estas são algumas das memórias que tive dos momentos de proximidade com o Papa Bento XVI, situações que retratam um homem de Igreja muito diferente de um perfil “autoritário” ou “duro”, como, por muito tempo, os críticos tentaram enquadrá-lo.

Recordo-me, por exemplo, da vigília na Jornada Mundial da Juventude em Madrid 2011. Um temporal muito forte se formou durante a fala do Papa; o vento balançava até a estrutura do palco onde ele e os bispos estavam. E mais de um milhão de jovens estava ali para ouvi-lo, apanhando toda aquela chuva. Alguns seguravam até sugeriram que o Papa se retirasse para um lugar mais seguro, mas Bento XVI quis permanecer próximo dos jovens. No final da celebração, se aproximou deles e de maneira muito paternal desejou que pudessem repousar ao menos um pouquinho. Na manhã seguinte, já debaixo de muito sol, a primeira coisa que fez foi perguntar aos jovens como tinham passado a noite. Achei isso de uma sensibilidade finíssima, que emocionou e cativou o coração dos jovens.

À frente da “barca de Pedro” e, depois, como Papa emérito, ele jamais deixou de rezar pelo bem da Igreja e sempre foi uma pessoa de grande fé, lucidez e profundidade teológica e doutrinal. Bento XVI deixa um legado importante para a Igreja e será certamente recordado como um dos grandes papas teólogos, tanto pelo que escreveu e falou quando já era Sumo Pontífice quanto pelo que escreveu antes disso.

Também será recordado pelo seu esforço em ajudar a Igreja a voltar-se para a essência de sua fé e de sua missão. Mostram isso suas encíclicas sobre a esperança e a caridade, as exortações apostólicas sobre a Eucaristia e a Palavra de Deus. Bento XVI também será lembrado como o Papa que estimulou o clero a buscar a autenticidade na vivência de sua vocação e toda a Igreja na revalorização de sua fé e no esforço renovado para transmiti-la aos outros.



L'Osservatore Romano – nov.2007

COM A PALAVRA

Padre Geraldo Luiz Borges Hackmann

‘Bento XVI foi sacerdote de fé no amor de Deus e de permanente serviço e oração pela Igreja’

FILIFE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Bento XVI será lembrado “por sua erudição teológica e magisterial” e como alguém que se destacou pelo amor à Igreja, conforme disse ao ser apresentado como sucessor do apóstolo Pedro: “humilde trabalhador da vinha do Senhor”.

A avaliação é do Padre Geraldo Luiz Borges Hackmann, Diretor dos Estudos no Pontifício Colégio Pio Brasileiro, em Roma, em entrevista exclusiva ao O SÃO PAULO. O Sacerdote também foi membro da Comissão Teológica Internacional do Vaticano, tendo ainda participado como perito nomeado por Bento XVI da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, em Aparecida, no ano de 2007.

O SÃO PAULO – Qual é o maior legado do Papa Bento XVI na sua opinião? Como ele será lembrado na história?

Padre Geraldo Luiz Borges Hackmann – O Papa Bento XVI poderá ser lembrado por sua erudição teológica e magisterial. Ele foi um dos mais argutos teólogos do século XX e do início do nosso atual século, que contribuiu com a renovação do pen-

samento teológico na época do Concílio Ecumênico Vaticano II, além de ter colaborado na redação de seus documentos. Seus escritos são de uma lucidez extraordinária ao abordar as questões doutrinárias e mostrar uma luz para o momento em que vive a humanidade, sabendo identificar questões relevantes para o ser humano, tanto do ponto de vista antropológico quanto teológico. Como Papa, suas encíclicas abordam temas candentes para o presente e o futuro da humanidade, apontando a direção de valorização da dignidade humana. Durante seu pontificado, ele iniciou um processo de renovação interna da Igreja, no que toca a questões espirituais. Também deu os primeiros passos para enfrentar a dolorosa questão de abusos de menores, a mudança na gestão econômica interna da Igreja e a renovação da Cúria. Teve grande abertura ecumênica e inter-religiosa, buscando o diálogo com outras denominações religiosas.

De que forma a visão e o pensamento teológico de Bento XVI impactaram a vida da Igreja?

As suas encíclicas buscaram abordar temas fundamentais da fé cristã e que estavam na sombra. É o caso da caridade (*Deus caritas est*) e da

esperança (*Spe salvi*). O texto sobre a fé, iniciado por ele, foi concluído e publicado por seu sucessor. Assim, ao abordar as três virtudes teológicas, aponta o centro da fé cristã para todo o Povo de Deus e para quem é sensível ao apelo de Deus o mundo. A sua última encíclica, *Caritas in veritate*, de 29 de junho de 2009, trouxe um contributo substancial para a Doutrina Social da Igreja, ao iluminar a caridade com a verdade e, assim, mostrar uma nova perspectiva para a justiça.

Além da renúncia, qual a característica ou conceito que mais representa o pontificado de Bento XVI?

É verdade que a renúncia, mesmo sendo uma surpresa, mostrou a grandeza de sua alma de homem de fé e de pastor. Ele calou muitos de seus críticos com este admirável gesto de abnegação e responsabilidade. Mas ele foi mais do que isso. Penso que se destaca pelo amor à Igreja. Com uma personalidade humilde e simples, procurou ser o que ele disse ao ser apresentado como sucessor do apóstolo Pedro, no dia 19 de abril de 2005: “humilde trabalhador da vinha do Senhor”. Discreto e acolhedor, impressionava a todo aquele que entrava em contato com

ele. Durante seu pontificado, sofreu pela Igreja ao enfrentar diversas crises, sempre com serenidade e confiança no Senhor.

Qual o seu texto, citação ou documento favorito de Bento XVI?

Penso que o legado textual de Bento XVI deverá ainda ser muito mais refletido, aprofundado e, até, redescoberto. Ele deixa uma herança teológica importante para a Igreja. É difícil escolher. Mas poderia apontar a *Spe salvi*, publicada a 30 de novembro de 2007, como um documento que tentou resgatar a esperança do e no ser humano e relembra o tema da escatologia, muito esquecido no período que segue ao Vaticano II.

O que mais gostaria de falar sobre Bento XVI?

O Papa Bento XVI foi muitas vezes injustiçado, por meio de críticas e notícias infundadas. Por isso, espero que seu pensamento seja realmente conhecido e refletido, pois contém um grande tesouro enriquecedor para a Igreja e para o pensamento teológico. Da renúncia até a sua morte, permaneceu como, talvez, tivesse querido sempre ser: sacerdote de fé no amor de Deus e de permanente serviço e oração pela Igreja.

Bento XVI: o fundamento que nos permite ir mais além

FRANCISCO BORBA RIBEIRO NETO
COORDENADOR DO NÚCLEO FÉ E CULTURA DA PUC-SP

Grandes papas frequentemente são mal compreendidos. Os próprios católicos e as mídias sociais procuram em que o pontífice concorda com eles e em que discorda. Se descobrem muitas concordâncias, mesmo que aparentes, consagram o pontífice. Se descobrem muitas discordâncias, o apresentam como responsável por todos os males que afligem o catolicismo. São João Paulo II, Bento XVI e Francisco não escapam dessa sina. E, entre eles, Ratzinger foi o mais penalizado. Com perfil de um acadêmico discreto, não era talhado para gestos impactantes e grandes momentos públicos. Tinha uma enorme clareza intelectual, mas pouco tato midiático. Foi relativamente fácil fazer do Cardeal Ratzinger, enquanto Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, uma espécie de “bode expiatório” das rusgas entre teólogos da libertação e o Vaticano.

Quem ler suas colocações na sua visita ao Brasil, por ocasião da Conferên-

cia de Aparecida, verá não um desejo de condenar a teologia da libertação, mas, sim, uma grande preocupação com uma visão equilibrada das posições teológicas e do trabalho pastoral da Igreja. Estimulou o compromisso social, mas insistiu – como sempre fez – nos perigos e riscos das reduções ideológicas da fé. “Equilíbrio”, em sua visão, não era um ponto médio entre opostos extremados, mas ter uma base sólida, que permitisse uma construção segura.

“Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (*Deus caritas est*, 1). Depois da Conferência de Aparecida, essa frase do Papa se tornou referência quase obrigatória para a Igreja e sintetiza a grande preocupação de Bento XVI: que vivamos unidos à pessoa de Cristo, que não compreendamos o Cristianismo apenas como um conjunto de normas morais ou de boas ideias.

Bento XVI não estava voltado aos “valores da tradição” ou à preservação da moral católica e sim aos “funda-

mentos da tradição”, aos fundamentos que dão sentido à moral católica. Mas não foi um fundamentalista. O que caracteriza o fundamentalista é que este quer fazer uma “ligação direta” entre os princípios fundamentais e as decisões finais, sem procurar entender o que está acontecendo de fato. Para que isso não acontecesse, Bento XVI sempre insistiu na relação entre a fé e a razão. Não se trata de um intelectual interessado em ideias abstratas, mas um homem apaixonado pelo grande fundamento, que é Cristo, sabendo que esse fundamento só poderá ser adequadamente vivido a partir do discernimento que nasce do olhar atento à realidade e de uma reflexão racional.

Muitos entenderam o título de sua encíclica dedicada às questões econômicas, *Caritas in veritate*, como “amor à verdade”, concluindo que o Papa amava mais as ideias que as pessoas. Mas *Caritas in veritate* significa “amor na verdade”, isto é, amor sincero, que olha as pessoas de modo realista. Bento XVI mostra que o amor, quando vivido de modo verdadeiro, leva ao compromisso com os mais pobres e os que sofrem, e que o amor implica num

olhar realista sobre nós mesmos e sobre os outros.

Até onde pode ir a solidariedade sem o amor? Homens e mulheres podem se amar verdadeiramente sem a gratuidade? Podemos usar a ciência sem sabedoria? Pode haver sabedoria sem a consciência de um destino bom para cada ser humano? Na atual crise de civilização, é possível construir o bem comum sem o encontro com Deus? Perguntas assim orientaram a reflexão social de Bento XVI, interessando até mesmo intelectuais ateus e agnósticos.

Sem dúvida, no pós-Concílio, a preocupação de Ratzinger não era avançar mais, mas sim fortalecer os fundamentos necessários para se continuar avançando. Nesse sentido, a suposta divergência entre os pontificados de Bento XVI e Francisco se mostra falsa. Um exercício fundamental é ler a caminhada de um a partir das contribuições do outro. Francisco não pode ser adequadamente compreendido sem a solidez doutrinal dada por Bento XVI, assim como a compreensão de Bento XVI seria reduzida sem o respiro missionário de Francisco.

EM QUASE 8 ANOS À FRENTE DA IGREJA, PONTÍFICE FEZ DISCURSOS MARCANTES, TOCOU AO CORAÇÃO DOS FIÉIS EM MENSAGENS E AUDIÊNCIAS E PEREGRINOU COMO MENSAGEIRO DA PAZ POR DIFERENTES PAÍSES. VEJA DETALHES A SEGUIR

2005
ABRIL



19 O cardeal Joseph Ratzinger é eleito como o novo papa da Igreja Católica, assumindo o nome de Bento XVI. "Depois do grande Papa João Paulo II, os senhores cardeais elegeram-me a mim, um simples e humilde trabalhador da vinha do Senhor", foram as suas primeiras palavras como papa.

20 Primeira mensagem do novo Papa. Bento XVI celebra uma missa solene com os cardeais que o elegeram, em latim, na Capela Sistina, tendo afirmado "com força" a sua vontade de "prosseguir a obra do Concílio Vaticano II" e de João Paulo II.

24 Missa de início do pontificado.

27 Na primeira audiência geral, Bento XVI sublinha raízes cristãs da Europa e explica a escolha do seu nome: "Bento evoca a extraordinária figura de São Bento, um ponto de referência para a unidade da Europa e as irrenunciáveis raízes cristãs da sua cultura e civilização".

MAIO

12 Pela primeira vez no seu pontificado, o Papa concede uma audiência a todo o corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, num total de 174 representações.

13 Na memória litúrgica de Nossa Senhora de Fátima, Bento XVI anuncia o início imediato do processo de canonização de João Paulo II, 42 dias depois da morte do seu predecessor.

29 Realiza a primeira viagem do pontificado: Visita Pastoral a Bari para a conclusão do 24º Congresso Eucarístico Nacional italiano.

JUNHO

1 O Papa anuncia a decisão de confiar à *editora do Vaticano* (Libreria Editrice Vaticana) a tutela de todos os direitos de autor e os direitos exclusivos de utilização económica dos seus escritos.

JULHO

3 Após a recitação do *Angelus*, Bento XVI pede aos países do G8 que adotem medidas concretas para "erradicar a pobreza e ajudar a um verdadeiro desenvolvimento da África".

7 Bento XVI condena atentados terroristas que atingiram a cidade de Londres, na Inglaterra, classificando-os como "atos bárbaros contra a humanidade".

AGOSTO

18 a 21 Primeira viagem do Papa fora da Itália. Bento XVI participa da 20ª Jornada Mundial da Juventude, em Colônia (Alemanha).

SETEMBRO

24 Bento XVI recebe o teólogo Hans Küng (Tubingen), conhecido pelas suas posições polémicas relativamente ao ensinamento da Igreja. Segundo comunicado da

O frutuoso e marcante pontificado de Bento XVI

Fotos: L'Osservatore Romano



Santa Sé, o Papa e Küng encontraram-se "num clima amigável".

30 Bento XVI visita o Hospital Pediátrico Menino Jesus, propriedade da Santa Sé.

OUTUBRO

15 O Papa se reúne com cem mil crianças no Vaticano.

16 O canal público polaco, TVP, transmite a primeira entrevista televisiva de Bento XVI.

23 Encerramento do Sínodo dos Bispos e do Ano da Eucaristia convocado por João Paulo II. Bento XVI canoniza os primeiros santos do seu pontificado: o chileno Alberto Hurtado Cruchaga (1901-1952), os italianos Felice da Nicosia (1715-1787) e Gaetano Catanoso (1879-1963) e ainda os polacos Jozef Bilczewski (1860-1923) e Zygmunt Gorzdzowski (1845-1920).

DEZEMBRO

18 Bento XVI efetua a sua primeira visita a uma paróquia, como Bispo de Roma.

19 O Papa comenta a onda de violência urbana que varreu a França e pede às sociedades europeias que sejam capazes de desenvolver políticas que integrem todos os cidadãos.

25 Primeiro Natal de Bento XVI como papa. A mensagem de Natal e a bênção *Urbi et Orbi* foram transmitidas por 111 canais de televisão de 68 países; a Missa da Vigília do Natal foi transmitida por 122 canais de televisão de 74 países.

2006

JANEIRO

1 Profere a mensagem pelo 39º Dia Mundial da Paz: "Na verdade, a paz".

9 Em discurso ao corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, o Papa evocou o risco de um "choque de civilizações" e frisou que nenhuma circunstância pode justificar os atos terroristas.

11 Três dezenas de crianças, sobreviventes do massacre de Beslan, na Ossétia do Norte, encontram-se com Bento XVI no Vaticano.

12 Bento XVI profere um discurso de apoio à família e à "vida nascente", pedindo aos governantes que implementem políticas de apoio às mesmas.

16 O rabino-chefe de Roma, Riccardo Di Segni, é recebido pelo Papa no Vaticano.

25 Bento XVI publica a sua primeira encíclica, *Deus caritas est* (Deus é amor).

MARÇO

1 Uma mensagem de Bento XVI contra o racismo é lida no estádio Artemio Franchi, em Florença (Itália), antes do jogo de futebol entre Itália e Alemanha.

23 Em encontro com o Colégio Cardinalício, Bento XVI confirma a sua preocupação pela reconciliação com os seguidores de Monsenhor Lefebvre, da Fraternidade São Pio X.

24 Consistório público para a criação de 15 novos cardeais: oito europeus, três asiáticos, dois norte-americanos, um africano e um sul-americano.

ABRIL

9 Celebração da Jornada Mundial da Juventude, na Praça de São Pedro.

MAIO

1 Visita ao Santuário Amor Divino, nos arredores de Roma.



25 a 28 Viagem à Polónia, com visita ao campo de concentração de Auschwitz.

JUNHO

3 Encontro com 400 mil membros de movimentos eclesiais e novas comunidades, na Vigília de Pentecostes.

22 Bento XVI nomeia novo secretário de Estado do Vaticano, o Cardeal Tarcisio Bertone, que substituiu o Cardeal Angelo Sodano.

JULHO

8 e 9 Visita Pastoral a Valência (Espanha), para o encerramento do 5º Encontro Mundial das Famílias.

11 Nomeação do Padre Federico Lombardi como Diretor da sala de imprensa da Santa Sé, substituindo Joaquín Navarro-Valls.

20 Bento XVI convoca jornada de oração pela paz e pede esforços contra tragédia humana no Oriente Médio.

26 O Vaticano participa, como convidado especial, da Cimeira internacional sobre o Líbano, em Roma.

AGOSTO

13 Entrevista do Papa, concedida à Bayerischer Rundfunk (ARD), ZDF, Deutsche Welle e Rádio Vaticano.

SETEMBRO

1 Bento XVI visita o Santuário do Santo Rostro (Itália).

9 a 14 Viagem à Baviera (Alemanha).

26 O Vaticano anuncia a excomunhão do Arcebispo emérito de Lusaka (Zâmbia), Emanuel Milingo, e dos quatro sacerdotes casados que ordenou bispos.

OUTUBRO

16 Canonização de quatro novos santos.

19 Visita apostólica a Verona (Itália).

30 Bento XVI nomeia o então Arcebispo de São Paulo, Cardeal Cláudio Hummes, como Prefeito da Congregação para o Clero.

NOVEMBRO

16 Bento XVI reúne-se com os chefes de Dicastérios da Cúria Romana para uma reflexão sobre o celibato sacerdotal.

28 a 1º de Dezembro – Viagem à Turquia, com visita à Mesquita Azul de Istambul.

DEZEMBRO

25 Nas celebrações de Natal, o Papa apela à paz no Oriente Médio, à defesa da vida e ao fim do fosso mundial entre ricos e pobres.

2007

JANEIRO

1 Leitura da mensagem pelo 40º Dia Mundial da Paz: "A pessoa humana, coração da paz".

11 Bento XVI condena ataques à família na Itália, por causa da equiparação jurídica ao Matrimônio de outras formas de união civil.

FEVEREIRO

22 Publicação da exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, sobre a Eucaristia como fonte e ápice da vida e da missão da Igreja.

MARÇO

18 Visita ao centro de detenção de menores de Casal del Marmo, em Roma.

ABRIL

13 Apresentação do primeiro volume do livro "Jesus de Nazaré", de Joseph Ratzinger.

27 Ban Ki-Moon, então secretário geral da ONU, anuncia que Bento XVI aceitou o convite que lhe endereçou para visitar a sede das Nações Unidas, em Nova Iorque.

MAIO

9 Início da primeira viagem intercontinental de Bento XVI; chegada a São Paulo, hospedando-se no Mosteiro de São Bento, onde tem os primeiros contatos com os fiéis.

10 Bento XVI tem encontro privado com o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva no Palácio dos Bandeirantes. No fim da tarde, dirigiu-se ao Memorial da América Latina para dar sua bênção, e em seguida foi para o estádio do Pacaembu para o encontro com 40 mil jovens convidados de todos os estados do Brasil e da América Latina, onde permaneceu por duas horas.

11 O Papa celebrou uma missa em São Paulo para 1 milhão e 200 mil pessoas no Campo de Marte, na qual canonizou Santo Antonio de Sant'Anna Galvão, primeiro santo nascido no Brasil.

12 Bento XVI visitou Fazenda Esperança (em Guaratinguetá), onde falou para a comunidade de ex-toxicod dependentes e alcoólicos, abordando o delicado tema das drogas.

13 O Santo Padre celebrou missa na praça exterior do Santuário Nacional de Aparecida (SP), com a participação de cerca de 500 mil fiéis. Depois da celebração, inaugurou a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, cujo tema foi "Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. 'Eu sou o caminho, a verdade e a vida'. No mesmo dia, o Papa embarcou de volta ao Vaticano.

JUNHO

3 O Papa proclama quatro novos santos.

26 Bento XVI introduz uma alteração nas normas que presidem a eleição de um novo papa, eliminando a possibilidade da escolha dos cardeais ser tomada por maioria absoluta e não de dois terços.

30 Carta do Papa aos bispos, aos presbíteros, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos da Igreja Católica na China.

JULHO

7 Bento XVI publica o Motu Proprio *Summorum Pontificum*, sobre a liturgia romana anterior à reforma de 1970.

AGOSTO

19 O Papa oferece 148 mil Euros às populações do Peru, atingidas por um violento terremoto.

SETEMBRO

1 e 2 Visita Pastoral a Loreto (Itália) por ocasião do Ângora dos jovens italianos.

7 a 9 Visita pastoral à Áustria.

OUTUBRO

21 Visita Pastoral a Nápoles (Itália).

NOVEMBRO

6 Bento XVI recebe o rei Abdallah bin Abdulaziz Al Saud, da Arábia Saudita.



24 e 25 Consistório público ordinário para a criação de 23 novos cardeais, entre os quais o Arcebispo de São Paulo, Cardeal Odilo Pedro Scherer.

30 Publicação da encíclica *Spe salvi* (Salvos pela esperança).

DEZEMBRO

25 Bento XVI lembra dramas da humanidade na sua mensagem de Natal.

28 O Papa condena o brutal ataque terrorista a Benazir Bhutto.

2008

JANEIRO

1 Leitura da mensagem do 41º Dia Mundial da Paz: "Família humana, comunidade de paz".

ABRIL

15 a 21 Viagem aos Estados Unidos e discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas.

MAIO

17 a 18 Visita Pastoral a Savona e Génova (Itália).

JUNHO

14 a 15 Visita Pastoral a Santa Maria di Leuca e Brindisi, na região de Apúlia (Itália)

28 Abertura do Ano Paulino, juntamente com o patriarca de Constantinopla, Bartolomeu I.

JULHO

12 a 21 Viagem a Sydney, Austrália, para a Jornada Mundial da Juventude.

SETEMBRO

7 Visita Pastoral a Cagliari, na ilha da Sardenha (Itália).

12 a 15 Viagem à França pelo 150º aniversário das aparições marianas em Lourdes.

OUTUBRO



Fotos: L'Osservatore Romano

5 a 26 12ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sobre a Bíblia.

2009

JANEIRO

1 Leitura da mensagem do 42º Dia Mundial da Paz: "Combater a pobreza, construir a paz".

24 O Papa levanta a excomunhão aos quatro bispos lefebrianos, incluindo Richard Williamson, que nega o Holocausto.

MARÇO

12 Bento XVI escreve aos bispos de todo o mundo a propósito da remissão dessas excomunhões.



17 a 23 Viagem a Camarões e Angola.

28 Visita aos desalojados em Abruzzo (Itália), depois do abalo sísmico que atingiu a região.

MAIO

8 a 15 Viagem à Terra Santa: Jordânia, Israel e territórios palestinos.

24 Visita a Cassino e a Montecassino (Itália).

JUNHO

19 Abertura do Ano Sacerdotal.

21 Visita a San Giovanni Rotondo (Itália).

29 Papa celebrou as Vésperas na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, no Vaticano, marcando o encerramento do Ano Paulino.

JULHO

7 O Papa publica a terceira e última encíclica do pontificado, *Caritas in veritate*.

SETEMBRO

6 Visita a Viterbo e Bagnoregio (Itália).

26 a 28 Viagem à República Tcheca.

OUTUBRO

4 a 25 2ª Assembleia Especial para a África do Sínodo dos Bispos.

NOVEMBRO

8 Visita a Brécia e Concesio (Itália).

9 O Papa publica a Constituição *Anglicanorum coetibus*, que abre aos fiéis anglicanos a possibilidade de regressarem à Igreja Católica.

DEZEMBRO

19 Proclamação das "virtudes heroicas" de Pio XII e de João Paulo II, abrindo o caminho à beatificação deste.

2010

JANEIRO

1 Leitura da mensagem do 43º Dia Mundial da Paz: "Se queres cultivar a paz, preserva a criação".

17 Visita à Sinagoga de Roma, 24 anos depois de João Paulo II.

27 Bento XVI lembra libertação do campo de concentração de Auschwitz e pede que nunca mais se repita uma tragédia como o Holocausto.

MARÇO

19 Carta aos católicos irlandeses sobre a questão dos abusos sexuais.

ABRIL

17 a 18 Viagem a Malta.

MAIO

2 Visita a Turim para a exposição pública do Santo Sudário.



11 a 14 Viagem a Portugal, com passagens por Lisboa, Fátima e Porto.

JUNHO

4 a 6 Viagem ao Chipre e entrega do Instrumento de Trabalho para o Sínodo dos Bispos sobre o Oriente Médio.

JULHO

4 Visita a Sulmona (Itália).

SETEMBRO

5 Visita a Carpineto Romano (Itália), por ocasião do 200º aniversário do nascimento do papa Leão XIII.

16 a 19 Viagem ao Reino Unido.

30 Exortação pós-sinodal *Verbum Domini*, sobre a Palavra de Deus na Igreja.

OUTUBRO

3 Visita a Palermo, Sicília (Itália).

10 a 24 Sínodo dos Bispos para o Oriente Médio.

12 Instituição do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização.

17 Canonização de seis novos santos.

NOVEMBRO

6 a 7 Viagem a Santiago de Compostela e Barcelona (Espanha), onde consagra a Basílica da Sagrada Família.

23 Publicação do livro "Luz do mundo. O Papa, a Igreja e os sinais do tempo", resultante de entrevista ao jornalista alemão Peter Seewald.

25 Consistório para a criação de 25 cardeais, incluindo o então Arcebispo de Aparecida, Dom Raymundo Damasceno Assis.

DEZEMBRO

25 Críticas ao regime chinês marcam mensagem natalícia de Bento XVI.

30 Instituição da Autoridade de Informação Financeira para promover a transparência bancária e a luta contra a lavagem de dinheiro.

2011

JANEIRO

1 Leitura da mensagem do 44º Dia Mundial da Paz: "Liberdade religiosa, caminho para a paz".

4 Bento XVI nomeia o então Arcebispo de Brasília, Dom João Braz de Aviz, como Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica.

MARÇO

10 Publicação do segundo volume da obra "Jesus de Nazaré" (Da entrada em Jerusalém até à ressurreição).

MAIO

1 Beatificação de João Paulo II.

7 a 8 Visita a Aquileia e Veneza (Itália).

21 Ligação à Estação Espacial Internacional.

JUNHO

4 a 5 Viagem à Croácia.

19 Visita à Diocese de San Marino-Montefeltro (Itália).

AGOSTO



18 a 21 Viagem a Madri para a Jornada Mundial da Juventude.

SETEMBRO

11 Visita a Ancona para a conclusão do 25º Congresso Eucarístico Nacional da Itália.

22 a 25 Terceira viagem à Alemanha.

OUTUBRO

23 Canonização de três novos santos.

27 Visita a Assis (Itália), para jornada de reflexão, diálogo e oração pela paz, 25 anos depois da jornada inter-religiosa promovida por João Paulo II.

NOVEMBRO

19 Publica a exortação pós-sinodal *Africae munus*, sobre a Igreja na África.

DEZEMBRO

12 Missa para a América Latina na Basílica de São Pedro.

2012

JANEIRO

1 Leitura da mensagem do 45º Dia Mundial da Paz: "Educar os Jovens para a justiça e a paz".

9 Bento XVI apela ao fim do "derramamento de sangue" na Síria, durante o encontro anual com os membros do corpo diplomático, acreditados junto da Santa Sé.

FEVEREIRO

18 Consistório para a criação de 22 novos cardeais, incluindo Dom João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.

MARÇO

10 Celebração ecumênica por ocasião da visita do arcebispo da Cantuária, primaz da Igreja Anglicana.

23 a 29 Viagem ao México e Cuba.

MAIO

13 Visita a Arezzo, La Verna e Sansepolcro (Itália).

JUNHO

1 a 3 Visita a Milão (Itália), para o 7º Encontro Mundial das Famílias.

26 Visita às áreas atingidas por terremotos na região da Emília-Romanha, na Itália.

SETEMBRO

14 a 16 Viagem ao Líbano, 24ª e última do pontificado. Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Medio Oriente*, sobre a Igreja no Oriente Médio.

OUTUBRO

4 Visita a Loreto (Itália), no 50º aniversário da viagem do Papa João XXIII.

7 a 28 Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização.

7 O Papa proclama doutores da Igreja São João de Ávila e Santa Hildegarda de Bingen.



11 Início do Ano da Fé, no 50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II.

21 Canonização de sete novos santos, entre eles a primeira santa índia norte-americana.

NOVEMBRO

10 Bento XVI institui a Pontifícia Academia de Latinidade.

11 Documento sobre o serviço da caridade.

20 Apresentação do livro "A Infância de Jesus", que conclui a trilogia sobre Jesus de Nazaré.

24 Consistório para a criação de seis cardeais não-europeus.

DEZEMBRO

7 Bento XVI nomeia seu secretário particular, Georg Gaenswein, responsável pela Casa Pontifícia e torna-o arcebispo.

12 Inauguração da conta de Bento XVI na rede social Twitter.

15 O Papa envia mensagem para sobreviventes e familiares de massacre em uma escola norte-americana.

2013

JANEIRO

1 Leitura da mensagem pelo 46º Dia Mundial da Paz: "Bem-aventurados os Obreiros da Paz".

7 Bento XVI convida seguidores no Twitter a rezar pela paz na Síria e na Nigéria.

FEVEREIRO



11 Bento XVI comunica que renunciará ao pontificado.

28 Último dia do pontificado de Bento XVI.

Viagem ao Brasil foi momento marcante para Bento XVI

Era noite de domingo, 13 de maio de 2007 e chegava ao fim a viagem apostólica de Bento XVI ao Brasil. A saudade pelo que foi vivido em cinco dias não era apenas sentida pelos fiéis no País, mas também pelo Pontífice.

Na ocasião, Bento XVI chamou o Brasil de “terra abençoada”, e disse ter passado “horas intensas e inesquecíveis, com o olhar dirigido a Nossa Senhora Aparecida”. Também ressaltou que guardaria na sua memória “as manifestações de entusiasmo e de profunda piedade” dos brasileiros.

Em 2013, em entrevista ao **O SÃO PAULO**, o Cardeal Cláudio Hummes, à época já Arcebispo Emérito de São Paulo, comentou que inicialmente a intenção do Pontífice era de apenas ir à Aparecida para a 5ª Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho, mas que, a seu pedido, veio também à capital paulista.

“Estava tão perto e desembarcaria nos aeroportos da capital, como deixaria de visitar a cidade? Eu ten-

tei colocar como seria importante pastoralmente e para que ele tivesse um argumento também forte para dizer ‘vou a São Paulo, mas não vou a outras [cidades]’. Pedi para ele que canonizasse Frei Galvão aqui em São Paulo”, recordou Dom Cláudio.

“Ele veio, e todo mundo se questionando: ‘Como será este Papa?’ Na verdade, na primeira noite quando ele se reuniu com os jovens no Pa-

caembu, foi o grande momento no qual os jovens sacudiram o Papa, o abraçaram, o beijaram como talvez em sua vida nunca tivesse sido abraçado e beijado. Os jovens invadiram o palco onde ele estava e ele ficou extremamente feliz e com um amor crescendo cada vez mais por São Paulo”.

Ao término daquela viagem apostólica, Bento XVI, de fato, via

se confirmar o que havia dito quando chegou ao País, em 9 de maio de 2007: “O Brasil ocupa um lugar muito especial no coração do Papa não somente porque nasceu cristão e possui hoje o mais alto número de católicos, mas, sobretudo, porque é uma nação rica de potencialidades com uma presença eclesial que é motivo de alegria e esperança para toda a Igreja”.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

Um pedido especial aos jovens: ‘Não desperdiceis a vossa juventude’

Cerca de 40 mil jovens preencheram as arquibancadas e quase a metade do gramado do Estádio do Pacaembu para o encontro com o Papa Bento XVI em 10 de maio de 2007, durante a viagem apostólica do Pontífice ao Brasil.

Na chegada, Bento XVI, de dentro do papamóvel, saudou não só os jovens que estavam no interior do estádio, mas os que se aglomeravam em frente à Praça Charles Müller.

No palco – em forma de pomba e cruz –, Bento XVI ouviu testemunhos de cinco jovens sobre a realidade social, política, eclesial e juvenil do Brasil. O Pontífice também assistiu a uma apresentação de danças típicas brasileiras encenada por cerca de 150 jovens, com alusão a elementos indígenas, à capoeira e ao som de “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso.

O jovem Rodrigo Rosa acolheu o Papa em nome de toda a juventude do Brasil e da América Latina. “Queremos depositar em seu coração de pastor as

nossas alegrias e tristezas. Queremos ser discípulos e missionários de Jesus Cristo. Para nós, Ele é o caminho, a verdade e a vida”, disse.

‘VÓS SOIS O FUTURO DA IGREJA E DA HUMANIDADE’

Bento XVI falou carinhosamente aos 40 mil jovens no Pacaembu, partindo do diálogo relatado no Evangelho entre Jesus e um jovem rico. Na pergunta do jovem – “O que fazer para alcançar a vida eterna?” –, e na resposta de Jesus – “Vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres [...] depois, vem e segue-me” –, está a questão básica para a qual todo jovem hoje quer respostas e, ao mesmo tempo, a resposta que Jesus dá propondo o seu seguimento”, ressaltou o Papa.

Bento XVI chamou os jovens cristãos a serem “apóstolos dos jovens”, passando à frente sua experiência de fé; cultivando os valores morais univer-

sais; buscando sólida formação humana e espiritual; sendo “protagonistas de uma sociedade nova, mais justa e mais fraterna”; defendendo a vida “do início ao seu declínio”; amparando os idosos, santificando o trabalho, sendo bons cidadãos, respeitando o sacramento do Matrimônio, preparando-se bem para ele no namoro e no noivado, a resistir às tentações de banalização do sexo.

“Não desperdiceis a vossa juventude” foi o grande apelo do Papa aos jovens, que interrompiam suas palavras com aplausos e aclamações. “Não tenteis fugir dela. Vivei-a intensamente. Consagrai-a aos elevados ideais da fé e da solidariedade humana”, apontou. “Vós sois o futuro da Igreja e da humanidade”, enfatizou. “A Igreja precisa de vós, como jovens para manifestar ao mundo o rosto de Jesus Cristo, que se desenha na comunidade cristã. Sem o rosto jovem, a Igreja se apresentaria desfigurada”, concluiu.

Aos clérigos, o pedido de autêntico testemunho e de uma ‘evangelização mais eficiente’

No terceiro dia de sua viagem apostólica ao Brasil, em 11 de maio de 2007, o Papa Bento XVI tratou sobre a evasão e migração de católicos para outras religiões, falando no encontro com cerca de 400 bispos na Catedral da Sé.

O Pontífice enfatizou que é preciso que Cristo e a sua Igreja estejam no centro do agir eclesial e recordou que a função do bispo é congregar e unificar os trabalhos pastorais das dioceses

para que deem testemunho evangélico da transformação que a fé em Cristo pode fazer.

Conforme externou o Santo Padre, o avanço das seitas está vinculado à vulnerabilidade da fé. “As pessoas mais vulneráveis ao proselitismo agressivo das seitas e incapazes de resistir às investidas do agnosticismo, do relativismo e do laicismo são geralmente os batizados não suficientemente evangelizados, facilmente influenciáveis

porque possuem uma fé fragilizada e, por vezes, confusa, vacilante e ingênua, embora conservem uma religiosidade inata”.

No dia seguinte, 12 de maio, em seu primeiro compromisso público no Santuário Nacional de Aparecida, Bento XVI participou da recitação do Rosário com 45 mil pessoas.

Depois de contemplar os mistérios gozosos, o Papa fez uma pequena reflexão, durante a qual agradeceu

o carinho com que foi recebido em Aparecida.

Falando diretamente aos ministros ordenados, o Santo Padre afirmou que “o testemunho de um sacerdote dignifica a Igreja, suscita a admiração nos fiéis, é fonte de bênçãos para a comunidade, é a melhor promoção vocacional, é o mais autêntico convite para que outros jovens também respondam positivamente aos apelos do Senhor”.

Em São Paulo, Pontífice canonizou Frei Galvão

Em sua viagem apostólica ao Brasil, em maio de 2007, o Papa Bento XVI presidiu a canonização do primeiro santo brasileiro: Frei Galvão, em celebração realizada no dia 11 daquele mês no aeroporto Campo de Marte, na zona norte da cidade, diante de 1,2 milhão de fiéis.

O Frade franciscano, que viveu entre 1739 e 1822, foi canonizado quando o Papa leu a fórmula de canonização: “Em honra da Santíssima Trindade, para a exaltação da fé católica e o crescimento da vida cristã, pela autoridade de nosso Senhor Jesus Cristo, dos santos apóstolos Pedro e Paulo e nossa, depois de ter refletido longamente, invocando o auxílio divino por muitas vezes ouvido o parecer de muitos de nossos irmãos no episcopado, declaramos e definimos como santo o Beato Antonio de Sant’Ana Galvão, e o inscrevemos na lista dos santos, e estabelecemos que, em toda a Igreja, ele seja devotamente honrado entre os santos. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, proclamou o Pontífice.

Um pedaço de osso do Santo também foi apresen-

tado por Sandra Grossi, que estava com o filho, Enzo. O nascimento do menino, em 1999, na cidade de São Paulo, foi reconhecido pelo Vaticano como milagre do Frade, e consumou a canonização. A mãe, que sofre de má-formação no útero que impede o feto de se desenvolver e passara por três abortos (um de gêmeos), deu à luz após ingerir as “pílulas” do Franciscano.

‘VIDAS LIMPAS, DE ALMAS CLARAS E DE INTELIGÊNCIAS SIMPLES’

“Hoje, a Divina sabedoria permite que nos encontremos ao redor do seu altar em ato de louvor e de agradecimento por nos ter concedido a graça da canonização do Frei Antonio de Sant’Ana Galvão”, disse Bento XVI ao iniciar a homilia.

Depois, mostrou seu afeto e proximidade com os brasileiros: “Tenham certeza: o Papa vos ama, e vos ama porque Jesus Cristo vos ama”.

Em seguida, falou da finalidade principal daquela celebração: “Sinto-me feliz porque a elevação do Frei Galvão aos altares ficará para sempre emoldurada na liturgia que hoje a Igreja nos oferece”.

Na sequência, o Pontífice passou a elencar as diversas virtudes que elevaram Frei Galvão à honra dos altares: “O carisma franciscano, evangelicamente vivido, produziu frutos significativos por meio do seu testemunho de fervoroso adorador da Eucaristia, de prudente e sábio orientador das almas que o procuravam e de grande devoto da Imaculada Conceição de Maria, de quem ele se considerava ‘filho e perpétuo escravo’”.

O Papa ainda destacou que Frei Galvão deixou exemplos a serem seguidos: “Como soam atuais para nós, que vivemos numa época tão cheia de hedonismo, as palavras que aparecem na cédula de consagração da sua castidade: ‘tirai-me antes a vida que ofender o vosso bendito Filho, meu Senhor’. São palavras fortes, de uma alma apaixonada, que deveriam fazer parte da vida normal de cada cristão, seja ele consagrado ou não, e que despertam desejos de fidelidade a Deus dentro ou fora do Matrimônio. O mundo precisa de vidas limpas, de almas claras, de inteligências simples que rejeitem ser consideradas criaturas objeto de prazer”.



‘A Igreja cresce por atração’, ressalta o Papa na Conferência de Aparecida

Em 13 de maio de 2007, mais de 150 mil pessoas acompanharam no Santuário Nacional de Aparecida a missa de abertura da 5ª Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho, presidida por Bento XVI.

Na homilia, o Pontífice destacou que a América Latina é o “Continente da Esperança” e recordou que “não é uma ideologia política, nem um movimento social, tampouco um sistema econômico”, mas, sim, a fé que fundamenta “esta esperança que produziu frutos tão magníficos desde a primeira evangelização até os dias de hoje”.

Bento XVI recordou que a mensagem de que “Deus é amor” é o “essencial na mensagem cristã”. O Sumo Pontífice também afirmou que “a Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais por ‘atração’: como Cristo ‘atrai todos a si’ com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da cruz”.

OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

Na tarde do mesmo dia, ao abrir 5ª Conferência, o Papa afirmou que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristã”.

O Pontífice também criticou o “autoritarismo” de governos da América Latina e afirmou que “tanto o capitalismo quanto o marxismo prometeram encontrar um caminho para a criação de estruturas justas e afirmaram que elas, uma vez estabelecidas, funcionariam por si mesmas. Essa promessa ideológica tem se mostrado falsa”.

“O sistema marxista, onde foi implantado, não só deixou uma triste herança de destruições econômicas e ecológicas, mas também uma dolorosa destruição de espírito. E o mesmo também ocorreu no ocidente, onde cresce constantemente a diferença entre os pobres e ricos e onde se produz uma inquietante degradação da dignidade da pessoa com a

droga, com o álcool e sutis miragens de felicidade”, acrescentou.

Ainda segundo o Papa, embora na América Latina se tenha evoluído para a democracia na maioria das nações, “há motivos para preocupação diante de formas de governo autoritárias ou sujeitas a ideologias que acreditávamos superadas”, disse.

Sobre a evasão de católicos para novas religiões e seitas, o Papa apontou “o secularismo, o hedonismo, a indiferença e o proselitismo de numerosas seitas e novas expressões pseudoreligiosas” como causa do “enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade”.

Bento XVI, como fez em outros discursos no País, voltou a ressaltar a importância da família na sociedade. “Um patrimônio da humanidade e constitui um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos”.

O Santo Padre também afirmou

que a religião e a fé em Deus são as únicas maneiras do homem se livrar dos males da sociedade. “Quem exclui a Deus de seu horizonte falsifica o conceito de realidade e, por consequência, só pode terminar em caminhos equivocados e destrutivos”. O Pontífice ainda acrescentou que “a vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também nas virtudes sociais e políticas”.

Dirigindo-se aos jovens, o Papa disse que “cabe-lhes a tarefa de opor-se às fáceis ilusões da felicidade imediata e dos paraísos enganosos da droga, do prazer, do álcool, junto com todas as formas de violência”.

Por fim, voltando-se aos bispos na América Latina e Caribe declarou: “A Igreja vos agradece pelo grande trabalho que vindes realizando ao longo dos séculos pelo Evangelho de Cristo a favor de vossos irmãos, principalmente pelos mais pobres e marginalizados”.

Ratzinger, da vaia ao aplauso

PE. DR. JOSÉ EDUARDO DE OLIVEIRA E SILVA
DA DIOCESE DE OSASCO (SP)

“**V**aiado na entrada, aplaudido na saída”. Alguns referiram-se a Joseph Ratzinger nestes termos, justamente salientando que o caráter tímido e a firmeza doutrinal do teólogo alemão eram hostilizados inicialmente pela plateia, mas, ao fim, o seu peculiar misto de humildade e genialidade conseguiram sempre prevalecer, e as vaias eram sucedidas pelos aplausos.

É muito difícil traçar um perfil de um autor que soma mais de 600 publicações e que é o maior teólogo contemporâneo da Igreja. O máximo que conseguimos é tentar reproduzir, em linhas muito gerais, o que se poderia entender como a linha evolutiva da sua trajetória, as etapas pelas quais ele percorreu.

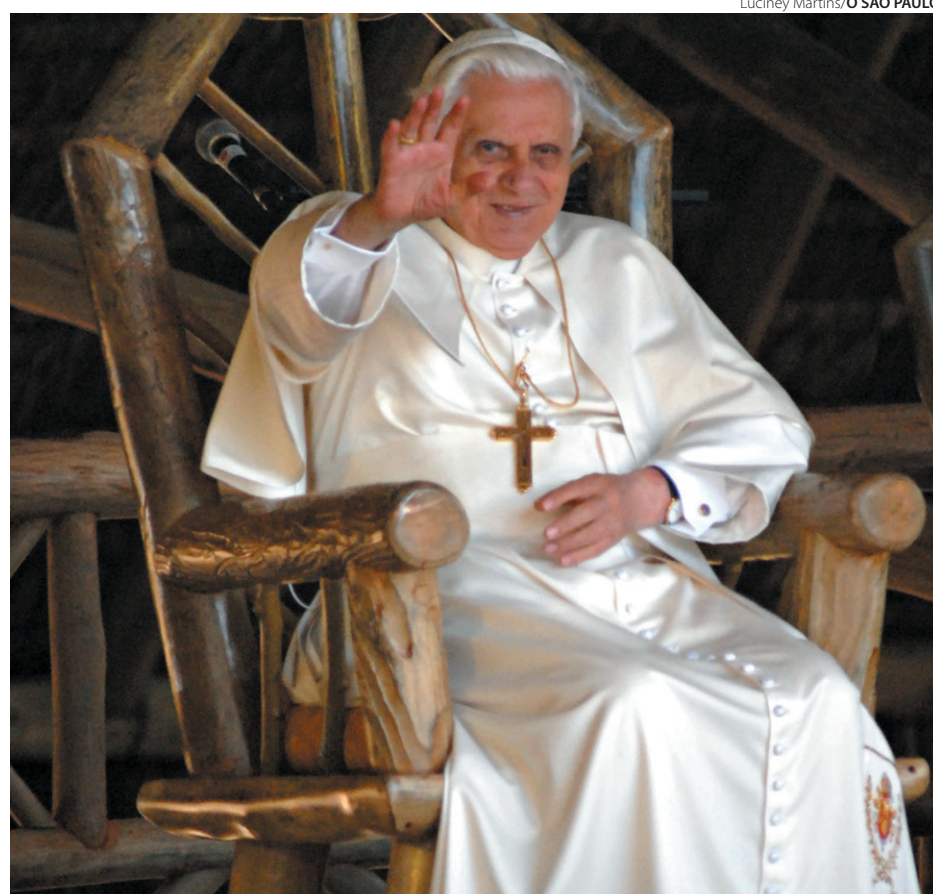
Profundamente influenciado por Santo Agostinho, São Boaventura e São Tomás de Aquino, Ratzinger encontrou no teólogo italo-germânico Romano Guardini a inspiração para o seu próprio percurso em três traços fundamentais: a fundamentação racional da fé e a centralidade do mistério de Cristo e da liturgia na vida da Igreja. Este será, por assim dizer, um possível tripé do seu pensamento.

Havia, no período anterior ao Concílio Vaticano II, certo positivismo teológico, que se caracterizava por uma fundamentação muito estritamente dogmática da Teologia, talvez um tanto despreocupada em rastrear aquilo que os teólogos chamavam de *preambula fidei*, isto é, os preâmbulos, os pressupostos racionais da fé.

Ratzinger levou muito a sério essa tarefa, até o ponto de ser inicialmente incompreendido. Sua tese doutoral, sobre a noção de história em São Boaventura, cujo orientador foi o seu professor e amigo Gottlieb Söhngen, não foi muito bem recebida pelo segundo leitor, Michael Schmaus, que sustentava que a tese padecia de exagerado *historicismo*. Certamente por causa da influência de Söhngen, Ratzinger não se limitava a uma reflexão abstrata sobre o dogma, mas salientava, na esteira daquilo que se chama *teologia apofática*, que Deus não pode ser descrito com fórmulas exatas, que a fé é um mistério recebido numa história salvífica.

Em 1947, Ratzinger lê a obra de Henri de Lubac, *Aspectos sociais do dogma*, e esta lhe provoca uma nova abertura epistêmica. Ele percebe a importância de que a reflexão teológica aconteça em diálogo com as ideologias contemporâneas, sem perder o *background* patristico e escolástico. De fato, corria-se o risco de que a Teologia ficasse confinada num gueto intelectual, enquanto o mundo moderno era pervadido por novas crenças, de modo que a mensagem cristã perderia aderência.

Foi aí que o marco histórico e filosófico emergiu com grande força em



Luciney Martins/O SÃO PAULO

seu pensamento. Essa penetração nos grandes dilemas do mundo moderno, nas questões espinhosas do homem contemporâneo, nos emparelhamentos que este faz à Igreja e à sua fé deu grande vigor à teologia de Ratzinger e, ao mesmo tempo, fez com que ele se tornasse um interlocutor respeitável dos grandes filósofos do seu tempo. No fundo, sua grande questão nesse aspecto foi: como a Igreja pode manter-se fiel a si mesma sem soçobrar nas tormentas ideológicas contemporâneas e, ao mesmo tempo, apresentar uma mensagem que diga “algo” ao homem de hoje?... A síntese mais precisa deste seu pensamento foi dada por ele na famosa homilia de 18 de abril de 2005, na Missa “*pro eligendo Romano Pontifice*”, em que ele, decano do colégio cardinalício, proferiu aquelas palavras contra a *ditadura do relativismo* que foram celebrizadas pelos jornalistas como “o paradigma Ratzinger”.

Certamente, o momento mais marcante do seu protagonismo teológico se deu entorno do maior evento eclesial do século XX, o Concílio Vaticano II. Convidado pelo Cardeal Frings a acompanhá-lo como perito, Ratzinger deu importantes contribuições ao tema da colegialidade (*Lumen Gentium*) e da tradição e Escritura como “única fonte” da Revelação (*Dei Verbum*), em parceria com Hans Küng; ao tema da índole missionária da Igreja (*Ad gentes*), bem como algumas pequenas contribuições na Constituição *Gaudium et Spes*, em parceria com Yves Congar.

No pós-Concílio, ele participou da fundação da Revista “*Concilium*”, juntamente com Edward Schillebeeckx, Yves Congar, Karl Rahner, Hans Küng, Johann Baptist Metz, Walter Kasper, Paul Brand e Anton von den Boogaard. Contudo, na perspectiva de Ratzinger, os idealizadores afastaram-se demasiadamente da letra e das intenções dos padres conciliares e avançaram numa interpretação que, no fundo, desconsi-

derava o resultado do Concílio em si, em nome de um suposto “espírito do concílio”.

Então, em 1972, fundou, juntamente com Hans Urs von Balthasar, Karl Lehmann, Franz Greiner, Otto B. Roeggele, Albert Görres, Hans Maier, Jean Daniellou e Henri de Lubac, a revista “*Communio*”, que pretendia fornecer uma interpretação do Concílio em continuidade com a tradição anterior da Igreja, sem nenhum tipo de ruptura.

Desde então, esta se tornou uma espécie de tarefa teológica de Ratzinger, sintetizada por ele em dois importantes discursos de seu pontificado, no famoso feito em 22 de dezembro de 2005, em que fala sobre as duas hermenêuticas do Concílio, a “hermenêutica da descontinuidade e da ruptura” e a “hermenêutica da reforma na continuidade”; e no segundo discurso, que não por acaso foi o seu último como papa ao clero de Roma, no dia 14 de fevereiro de 2013, em que ele contrapõe o “Concílio dos Padres Conciliares” ao “Concílio da mídia”, que distorceu a intenção dos primeiros e detrimento da verdadeira recepção do texto conciliar por parte do povo cristão.

Para Ratzinger, o tema principal do Concílio foi a eclesiologia. Ele entendia que a noção de “Povo de Deus” foi erroneamente interpretada a partir de categorias excessivamente políticas, que contrapõem “povo” a “hierarquia” ou que enxergam “povo” numa perspectiva excessivamente horizontal, e propõe, como chave interpretativa da eclesiologia conciliar, o conceito de “comunhão” dos homens com Deus e entre si, numa noção mais profundamente trinitária, cristológica e, sobretudo, eucarística.

Em 1977, ele foi nomeado arcebispo e, três meses depois, cardeal. Em 1981, foi nomeado Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Este fato, de certo modo, promoveu uma ruptura em seu trabalho de elaboração teo-

lógica pessoal, obrigando-o a alargar seus horizontes para outros temas e fazendo-o, assim, ganhar também maior concretude especulativa.

É, então, que ele se lança em debate com algumas abordagens teológicas emergentes nas décadas anteriores, corrigindo seu excessivo imanentismo, bem como a intromissão de perspectivas materialístico-históricas no seu método teológico e, por isso, ganha a antipatia de considerável parte da mídia. Ele mantém-se, igualmente, firme na defesa da lei natural, especialmente em temas que não eram pessoalmente “seus”, como os temas da vida e da família, da moral conjugal e da bioética.

Neste período, foi o braço direito de São João Paulo II, especialmente na redação do Catecismo da Igreja Católica, nos aspectos eclesiológicos do Código de Direito Canônico e em encíclicas fundamentais como *Veritatis Splendor* (1993), *Evangelium vitae* (1995), *Fides et Ratio* (1998) e *Ecclesia de Eucharistia* (2003).

Vendo o avanço do secularismo na Europa e na América, e o surgimento de novas propostas religiosas relativistas, Ratzinger percebe a necessidade de reapresentar Jesus Cristo como Deus encarnado e único Redentor dos homens. É assim que ele chegará ao pontificado, em 2005, querendo fincar a Igreja nas três virtudes teológicas (as suas três principais encíclicas foram sobre a caridade, *Deus caritas est*, de 2005; a esperança, *Spes Salvi*, de 2007; e a fé, *Lumen fidei*, terminada e assinada pelo Papa Francisco em 2013).

O resultado mais bem acabado deste seu longo percurso foi a obra *Jesus de Nazaré*, em que se vê a profunda natureza simultaneamente bíblica e racional da sua teologia; ao mesmo tempo em que faz uma reflexão com sólidos alicerces exegéticos, não perde a conexão com a elaboração filosófica e teológica, inclusive em diálogo com crenças de outras religiões, como do judaísmo.

Ratzinger foi um homem em estreita conexão com o seu tempo, foi um teólogo que deu relevância pública à Igreja no debate intelectual internacional e que, ao mesmo tempo, teve a coragem de ser humilde. Pelo amor à verdade, sacrificou o seu prestígio; e, pela sua humildade, soube superar as dificuldades e ganhar a mente e o coração dos seus contemporâneos. O seu legado não será esquecido. Ele permanecerá vivo em sua produção teológica, cujo impacto ganhará ainda maior relevo com o passar do tempo.

Certa vez, perguntaram ao ex-presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, o que ele viu nos olhos de Bento XVI. Ele simplesmente disse: “eu vi Deus”. Foi justamente este Deus que os fiéis souberam ver no mais comovido e longo aplauso que ele recebeu em sua vida, ao final de sua última Missa pública na Basílica de São Pedro, em 13 de fevereiro de 2013. Hostilizado, ele soube mostrar a gentileza da verdade; começou vaiado, terminou aplaudido.